

José Mariano Gago,

físico que serviu o país

Carlos Fiolhais

Mariano Gago escreveu no seu prefácio à reedição *Física para o Povo* (com o título *A Física no Dia-a-Dia, Relógio d'Água*, 1995, uma vez que para o autor do livro já não havia “povo”): “Rómulo de Carvalho veio recordar-nos, mais uma vez, como a Física também é quotidiana. A sua obra de divulgação científica, agora em reedição, ocupa um lugar destacado na história da divulgação em Portugal. Aí chegou por um caminho simples, rente à comoção humilde de saber, à altura da nossa ignorância e vontade de aprender.”

O mesmo Mariano Gago, na Introdução ao seu livro *Homens e Ofícios* subtítulo *Manual de Fichas e Exploração Temática para animação cultural sobre tecnologias e sociedades*, publicado em 1978 em edição de autor a partir de um seu trabalho com emigrantes portugueses na Suíça nos dois anos anteriores, escreveu: “O coração da cultura bate ao ritmo da prática humilde das bibliotecas de bairro, dos grupos de alfabetização, dos grupos corais, do teatro amador, dos pequenos cineclubes; vive do sangue e do esforço de quem se junta e age, sem ficar à espera que alguém resolva, talvez, um dia, a mudar o mundo que nos diz respeito”.

Foi colando estas duas frases de José Mariano Gago que o recebi, a 12 de Março de 2013, no *Rómulo* – Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra, uma biblioteca que honra o grande professor de Física e Química e também poeta que o ministro Mariano Gago elevou patrono da Cultura Científica Nacional. Nunca pensei que, passados pouco mais do que dois anos, não mais o pudesse receber naquele espaço de cultura científica. Sabia que estava a lutar contra uma doença, de que ele não falava por entender ser uma questão pessoal, mas foi em estado de choque que fiquei ao fim da tarde de 17 de Abril passado, quando, quase a iniciar mais uma sessão do curso de História da Ciência no *El Corte Inglés* em Lisboa, um jornalista da Antena 1 me informou que Mariano Gago tinha falecido. A morte é uma grande safada!

Bertold Brecht escreveu: “Temam menos a morte do que a vida insuficiente”. Ora Gago teve uma vida muito mais do que suficiente. De animador cultural em Genebra passou em poucos anos primeiro a presidente da JNICT, antecessora da FCT, e depois a Ministro da Ciência e Tecnologia. Como



gestor e político de ciência nunca deixou a Física, nem deixou de pensar como um físico, sem para isso ser preciso incluir o seu nome em cada *paper* que ia saindo do seu laboratório. Ajudou a esse marco da internacionalização da ciência portuguesa que foi a entrada de Portugal no CERN, em 1985, faz agora 30 anos, ainda estava longe de ser ministro. E celebrou, como todos os físicos, a descoberta da partícula de Higgs, anunciada a 4 de Julho de 2012, quando já não era ministro. Estive com ele, após essa descoberta, num Café de Ciência da Assembleia da República numa sessão em que defendi a relevância da associação de Portugal ao CERN e, mais em geral, o valor da ciência fundamental.

Como ministro, Mariano Gago valorizou sempre a cultura científica, por saber que ela era condição necessária da ciência. Ao longo do ano, e em particular na semana que integrava o Dia Nacional da Cultura Científica, 24 de Novembro (data do nascimento de Rómulo de Carvalho), era visto, com uma energia extraordinária, por todo o país, ora num centro Ciência Viva ou numa escola, ora num Laboratório Associado ou numa outra unidade de ciência, dando um elogio amigo e uma sugestão amável. Para o José Mariano, tal como para Rómulo, a ciência devia ser para todos sem excepção, devia ser para o “povo”. Fez um Ministério novo precisamente para isso, para a ciência estar ao serviço do país e não de grupos restritos. Não se serviu, serviu-nos.

Caro José Mariano: faz-nos hoje muita falta. Mas, invocando as palavras de Jorge de Sena que tu mesmo citaste na morte de Rómulo de Carvalho, estar morto é apenas estar impedido de se pronunciar. Pronunciar-nos-emos nós, cientistas e amigos da ciência, por ti, lembrando-nos sempre do modo sábio e afável como te pronunciavas.

Por decisão pessoal, o autor do texto não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico.